

A CRIAÇÃO DE UMA REDE DE MÃES NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE E A ARTE COMO VIA DE RESISTÊNCIA INSTITUCIONAL

**The creation of a network of mothers at the Federal University of Sergipe and Art
as a way of institutional resistance**

Gabriela Guimarães

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-5413-6797>

Discente de Licenciatura em Artes Visuais

Universidade Federal de Sergipe, Brasil

E-mail: grabs.guimas@gmail.com

Maicyra Leão

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3517-5949>

Doutorado em Artes Cênicas e Pós-doutorado em Arte

Universidade Federal da Bahia, Brasil | Universidade de Berlin, Alemanha

E-mail: maicyraleao@gmail.com

Mélanie Létocart

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2038-4729>

Doutorado em Ciências Humanas, Letras e Arte e Pós-doutorado

Université Lille III, França | Université de Rennes II, França

E-mail: melanie@academico.ufs.br

RESUMO

O presente artigo aborda a emergente luta por espaços de acolhimento para mães e pessoas que maternam, sejam discentes, docentes ou funcionárias da Universidade Federal de Sergipe. Apresenta a criação do coletivo *Mulheridades, Universidade e Maternagem* – MUM, e analisa a formação da rede de ações desenvolvidas pelo coletivo durante o ano de 2024, levando em consideração a arte e seu potencial de resistência, na luta pela visibilidade da maternagem e pelas conquistas de direitos.

Palavras-chave: Maternidade; Arte; Universidade.

ABSTRACT

This article addresses the emerging struggle for welcoming spaces for mothers and people who give birth, whether they are students, teachers or employees of the Federal University of Sergipe. It presents the creation of the collective *Mulheridades, Universidade e Maternagem* – MUM, and analyzes the formation of the network of actions developed by the collective during the year 2024, taking into account art and its potential for resistance, in the fight for the visibility of motherhood and for the conquest of rights.

Keywords: Maternity; Art; University.

**"Eles dizem que é amor.
Nós dizemos que é trabalho não remunerado."**

(Silvia Federici)

INTRODUÇÃO

As trajetórias de mulheres que maternam e trabalham na academia são marcadas por desafios que vão além do âmbito pessoal, conectando-se a estruturas institucionais profundamente enraizadas. A maternidade, enquanto prática que exige tempo, dedicação e cuidado, muitas vezes é invisibilizada no contexto universitário, sendo reduzida apenas a questões como licença-maternidade ou auxílio pré-escolar. Essa lacuna reflete uma visão reducionista que ignora a interdependência entre as práticas de cuidado e a dinâmica de produção de conhecimento.

O coletivo *Mulheridades, Universidade e Maternagem* - MUM, da Universidade Federal de Sergipe (UFS), surge como resposta à invisibilidade das mulheres que conciliam maternidade e vida acadêmica, criando um espaço de acolhimento, expressão e estudo, com a arte como forma de resistência institucional. Inspiradas em autoras como Adrienne Rich (1976), Silvia Federici (2019), Esther Vivas (2019) e Yvonne Knibiehler (2004), as reflexões tecidas ao longo de 2024 pelas participantes do coletivo reconhecem a maternidade não como uma identidade prescrita, mas como uma prática que gera saberes e tecnologias, impactando as trajetórias profissionais e pessoais das mulheres. Além disso, buscam questionar a reprodução de desigualdades coloniais e patriarcais dentro da estrutura universitária.

Este artigo analisa as ações de pesquisa e extensão do coletivo MUM em 2024, criado em dezembro de 2023 para apoiar mães acadêmicas na Universidade Federal de Sergipe. A pesquisa inclui: 1) o curso de extensão *Encontros do Grupo de Estudos Mulheridades, Universidade e Maternagem* – MUM 2024, realizado entre fevereiro e dezembro de 2024, com encontros mensais de mulheres, mães, discentes e docentes; 2) os produtos do projeto de pesquisa *Maternidade e Universidade: a conta que não fecha e o preço pago pelas mulheres mães na academia*, aprovado no *Editais Temáticos Nº08/2024 Copes/Posgrad/ Representatividade Feminina no Ambiente Acadêmico*, que culminou em uma exposição itinerante em dezembro de 2024, com instalação sonora, performance coletiva de mães e crianças, um varal com obras mistas criadas a partir de memórias e reivindica-

ções maternas, videodocumentário com treze entrevistadas e livro coletivo com vinte e sete autoras. Maiores detalhes sobre esses projetos serão discutidos mais adiante.

O objetivo deste artigo é analisar as ações do MUM a partir das experiências de mulheres mães da Universidade Federal de Sergipe, entendendo a arte como um meio de conexão entre a vivência materna e a trajetória acadêmica. Partimos da hipótese de que a criação artística, ao transformar experiências individuais em narrativas plurais, sensibiliza o público e as instituições para a urgência dessas questões, promovendo reflexão, diálogo e a construção de redes de apoio necessárias para transformar estruturas institucionais excludentes.

Para isso, o texto está estruturado da seguinte forma: primeiro, abordará o contexto histórico que fundamentou a criação do Coletivo MUM e suas ações de 2024; em seguida, apresentará uma revisão bibliográfica sobre o conceito de “instituição”, sob a ótica da maternidade e da universidade; e, por fim, discutirá a arte como um meio de ação e transformação política, com ênfase na exposição *Maternidade e Universidade: a conta que não fecha*, mencionada anteriormente.

1. A CRIAÇÃO DO COLETIVO MULHERIDADES, UNIVERSIDADE E MATERNAGEM

1.1. O contexto macro e prévio: as mulheres, as mães e a produção acadêmica

Desde as décadas de 1960 e 1970, diversas mobilizações feministas começaram a questionar a associação das mulheres à sua capacidade reprodutiva e a maternidade como instituição patriarcal (RICH, 1976). Desde então, a maternidade tornou-se um campo fértil para reflexões feministas, práticas artísticas, investigações nas ciências humanas e biológicas, e para a criação de políticas públicas. Pesquisas sobre as experiências maternas revelaram a pluralidade das maternidades, marcadas por interseções de gênero, classe, raça e sexualidade, e expõem desigualdades históricas ligadas a sistemas de poder patriarcais, capitalistas e coloniais. Essa diversidade destaca os desafios subjetivos e estruturais enfrentados pelas mulheres, assim como as barreiras institucionais ao acesso a direitos e espaços públicos.

Para as mães universitárias, a trajetória acadêmica se torna complexa devido às exigências impostas pela maternidade patriarcal. A sobrecarga mental, emocional e física enfrentada por essas mulheres impacta diretamente seu desempenho acadêmico. Além

disso, a falta de rede de apoio familiar, comum a muitas delas, agrava a situação, juntamente com a ausência de uma estrutura institucional adequada, o que compromete sua permanência na universidade.

Historicamente, a maternidade na universidade foi limitada a políticas institucionais restritas, como curtas licenças-maternidade e precários auxílios pré-escolares, negligenciando seu impacto na trajetória acadêmica e profissional das mulheres. A falta de suporte adequado perpetuou a lógica patriarcal e colonial das instituições de ensino superior, invisibilizando o trabalho de cuidado e sua centralidade na dinâmica capitalista de produção econômica e de conhecimento (FEDERICI, 2019). Como destacou Maria Puig de La Bellacasa (2012), a interdependência das existências exige uma revisão das relações institucionais e das responsabilidades coletivas no cuidado. No entanto, essa reflexão demorou a se traduzir em medidas efetivas, mantendo a maternidade à margem das políticas universitárias.

Antes da criação do MUM, as mães universitárias da Universidade Federal de Sergipe enfrentavam esses desafios de forma isolada, sem um espaço de articulação e acolhimento. Algumas iniciativas já indicavam a necessidade de um compromisso institucional, como as discussões sobre a criação de uma creche na universidade e ações estimuladas por organizações externas como o *Parent in Science*, que incentivou a implementação de espaços para crianças durante eventos científicos.

Além disso, eventos acadêmicos anteriores, como o *1º Seminário Arte, Maternagem e Feminismos*, realizado na UFS em 2019, e o *Mulheridades e Diversidade*, promovido na *VIII Semana Acadêmica da UFS*, em 2023, também evidenciaram a urgência da ampliação da visibilidade da maternidade na universidade. No entanto, apesar dessas discussões e do crescimento das produções acadêmicas sobre o tema, a estrutura universitária permaneceu inalterada – ou até se deteriorou – reforçando a necessidade de mudanças institucionais que garantam melhores condições para as mães na Universidade Federal de Sergipe.

Assim, partindo das vivências de mulheres mães, no contexto da Universidade Federal de Sergipe, buscou-se gerar um espaço de articulação coletiva, onde as experiências maternas na academia pudessem encontrar vazão para a problematização do lugar e das condições destinadas às mães por gestões institucionais, colocando em foco as lacunas e contradições existentes. É nesse contexto que surge o MUM.

1.2. A formação da rede e suas ações de 2024

O coletivo *Mulheridades, Universidade e Maternagem* surgiu em dezembro de 2023, após o evento *2º Encontro Mulheridades e Maternidades, Corpo, Cuidado e Política, Redes e Academia*, realizado nos dias 28 e 29 de novembro de 2023, coordenado pelas professoras Maicyra Leão (DTE/UFS) e Mélanie Létocart (DLES/UFS), durante a *IX Semana Acadêmica da UFS*. Nesse evento, vozes discentes e docentes se uniram para refletir sobre o lugar e a história das mulheres mães.

A partir de fevereiro de 2024, começaram os encontros mensais do coletivo, reunindo mulheres mães de diferentes centros e departamentos do campus de São Cristóvão. O objetivo era ouvir suas experiências e acolher suas narrativas matrifocais, até então ausentes na UFS. Esse movimento foi o ponto de partida para uma compreensão mais profunda do impacto da maternidade no desempenho acadêmico das mães e das demandas urgentes e negligenciadas pelas gestões anteriores.

Além de ser uma rede de diálogo, pertencimento, acolhimento e escuta, o MUM se configurou também como um espaço de reflexão e pesquisa. Durante os encontros, surgiram diversas questões: Quem são e onde estão as mães da Universidade Federal de Sergipe? Onde ficam os bebês e as crianças enquanto as discentes mães assistem às aulas? Onde e em que condições elas amamentam? Por que não há um espaço digno para os cuidados básicos da maternagem nos campi? Como é a realidade das mães no ambiente acadêmico? Como está a subjetividade das mães que circulam pelos corredores e salas de aula da UFS? A maternagem compulsória, responsabilidade exclusiva das mães, sem infraestrutura adequada, com pouco apoio institucional, se revelou uma prática patriarcal profundamente enraizada na instituição.

Como medidas concretas na busca por respostas e apoio, o coletivo realizou uma sequência contínua de encontros mensais, presenciais e online, além de desenvolver um curso de extensão ativo entre março e dezembro. No curso, o grupo discutiu textos do pensamento feminista plural com perspectiva matrifocal, abordando análises de diversas disciplinas, em busca de ferramentas conceituais teóricas para refletir sobre as maternidades e as práticas de maternagem.

Foram estudados os aspectos estruturais, institucionais e individuais da maternidade, a revolução antropológica do controle da fertilidade e os desafios da maternidade

contemporânea. Além disso, a relação entre maternidade, reprodução e economia foi tensionada, considerando o trabalho de cuidado ao longo da história e evidenciando as complexas interações entre maternidade, trabalho, raça e estrutura social.

Paralelamente às atividades do curso, foi desenvolvida a pesquisa *Maternidade e universidade: a conta que não fecha e o preço pago pelas mulheres mães na academia*, aprovada por Edital Temático sobre a representatividade feminina na Universidade. Coordenada pela professora Laiany Rose Souza Santos (DGEI/UFS) e conduzida pelo coletivo, a pesquisa teve como objetivo mapear e qualificar as experiências de mulheres mães (docentes e discentes) na Universidade Federal de Sergipe, com foco no Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH) e no Campus de Itabaiana. A coleta de dados iniciou-se com um questionário para obter informações objetivas, seguido por entrevistas filmadas e semiestruturadas para aprofundar as análises.

A pesquisa identificou setenta e cinco mulheres mães entre discentes e docentes do CECH e Campus de Itabaiana da Universidade Federal de Sergipe. Os questionários e entrevistas evidenciaram os principais desafios enfrentados por essas mulheres na conciliação entre maternidade e vida acadêmica, como sobrecarga física e emocional, falta de apoio institucional, metodologias inflexíveis e ausência de infraestrutura para acolher mães e filhos. Os dados também apontaram que mães negras, indígenas e periféricas enfrentam maiores barreiras socioeconômicas e raciais para acessar e permanecer no ensino superior.

Um dos resultados mais relevantes da pesquisa foi a invisibilidade institucional das acadêmicas mães na instituição, agravada pela falta de dados precisos em setores como a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PROEST), o Departamento de Apoio Acadêmico (DAA), a Divisão de Controle Acadêmico (DICAC) e a Coordenação de Estudos e Monitoramento de Dados Institucionais (CEMDI), entre outros. A escassez de informações evidencia o baixo incentivo das instituições de ensino superior para atender às demandas específicas dessas mulheres. Durante a pesquisa, foram identificadas três formas de incentivo, já previstos pelas leis federais: a licença-maternidade de três meses para estudantes e seis meses para docentes; a possibilidade de atividades domiciliares após o nascimento do bebê, para as estudantes; e o auxílio-creche, no valor de R\$ 200,00 mensais para estudantes e aproximadamente R\$ 400,00 para docentes.

Ainda, a análise dos dados, conforme os relatórios finais das bolsistas Shirley Almeida de Melo e Alexandra Santos do Valle (2024), mostrou que a falta de creches universitárias nos campi impacta diretamente a permanência das mães na universidade,

aprofundando desigualdades de gênero, raça e classe. Como alternativas para tornar o ambiente acadêmico mais acolhedor, foram sugeridas propostas como a criação de fraldários, salas de amamentação, espaços de acolhimento infantil e a implementação de políticas institucionais que ofereçam suporte a estudantes e professoras mães.

Para visibilizar os dados e resultados da pesquisa, optou-se por um formato expositivo em vez de utilizar materiais tradicionais baseados na textualidade científica. Foi organizada uma exposição artística itinerante em dois campi da Universidade Federal de Sergipe, com o objetivo de coletivizar as experiências das participantes e amplificar suas vivências individuais por meio de uma rede de partilha e expressão.

A exposição será analisada no último tópico deste artigo, onde será aprofundada a discussão sobre sua concepção, suas camadas simbólicas e suas implicações na problematização da relação entre maternidade e vida acadêmica.

2. A MATERNIDADE COMO INSTITUIÇÃO E SEU REFLEXO NA INSTITUIÇÃO UNIVERSIDADE

A instituição pode ser compreendida, a partir da perspectiva foucaultiana (2014), como um dispositivo de poder que não apenas estabelece uma ordem social, mas também molda subjetividades e regula os comportamentos dos indivíduos dentro de um determinado contexto. Longe de ser um espaço neutro de organização, a instituição opera por meio de normas disciplinares que definem e hierarquizam os papéis sociais, determinando como os sujeitos devem se portar em diferentes esferas, como no ambiente educacional, público ou familiar. Ao produzir e reproduzir essas regras, a instituição naturaliza formas específicas de conduta, consolidando relações de poder que frequentemente favorecem grupos historicamente privilegiados. Assim, mais do que apenas ordenar a vida social, as instituições atuam como mecanismos de controle que sustentam estruturas de dominação e exclusão, reforçando desigualdades ao longo do tempo.

Historicamente, por meio de diversas normas e conceitos, as instituições estabeleceram a divisão de funções entre homens e mulheres, com o masculino associado à esfera pública e produtiva e o feminino ao espaço privado e reprodutivo. Esse modelo reforçou os papéis de homem como provedor e mulher como cuidadora, impactando profundamente a organização social. Embora os movimentos feministas tenham promovido avanços, como o acesso das mulheres ao mercado de trabalho e à educação, essas conquistas não foram seguidas por uma redistribuição justa das responsabilidades de cuidado.

Esse cenário mostra que a desigualdade de gênero vai além da divisão do trabalho e do acesso ao espaço público, estruturando-se profundamente na construção social da maternidade. Se as instituições reforçam as assimetrias de poder entre homens e mulheres, a maternidade é um dos principais dispositivos dessa regulação, naturalizando o cuidado como uma função inerente às mulheres. Assim, a maternidade não só organiza as experiências individuais das mulheres, mas também age como um mecanismo institucional que perpetua desigualdades, limitando sua participação e ascensão em várias esferas da sociedade, especialmente na acadêmica e profissional.

Adrienne Rich, em *Of a Woman Born: Motherhood as Experience and Institution*, propõe uma compreensão da palavra “maternidade”, enquanto instituição, que tem como objetivo garantir que as mulheres e seu potencial reprodutivo permaneçam sob controle masculino e determina que as funções domésticas e de cuidado sejam atribuídas somente às mulheres. Segundo ela, a maternidade não só isola as mulheres da esfera pública, como também contribui para a manutenção de sistemas sociais e políticos que restringem as escolhas e o potencial humano. Rich argumenta que:

essa instituição tem sido a chave para muitos sistemas sociais e políticos diferentes. Impediu que metade da espécie humana tomasse decisões que afetam suas vidas, isenta os homens de paternidade em sentido autêntico, cria o cisma perigoso entre a vida ‘privada’ e a vida ‘pública’ e restringe as escolhas humanas e seu potencial (1976, p. 57) (tradução pessoal).

A imposição da maternidade como um destino natural para as mulheres restringe suas trajetórias e reforça a dicotomia entre produção intelectual e responsabilidade familiar. No contexto acadêmico, essa divisão se traduz na chamada “penalidade da maternidade”, que limita o acesso das mulheres a oportunidades de pesquisa, financiamento e progressão na carreira.

A ausência de políticas institucionais eficazes para apoiar mães universitárias – como creches acessíveis, flexibilização de prazos e redes de suporte – evidencia como a academia ainda opera sob uma lógica excludente, que não reconhece a maternidade como parte legítima da vida acadêmica. Assim, a estrutura universitária, longe de ser um espaço neutro de conhecimento, reproduz e reforça desigualdades históricas, tornando-se um reflexo das hierarquias de poder presentes na sociedade. A presença majoritária de homens nas posições de liderança é um reflexo de como as estruturas de poder continuam a marginalizar as mulheres, dificultando sua ascensão e participação plena em esferas de decisão.

Com base na pesquisa desenvolvida pelo MUM, *A conta que não fecha*, alguns dados relevantes foram encontrados na fase de coleta quantitativa. Entre as respostas, destacam-se: 14,7% das mães declararam não ter rede de apoio, seja familiar, privada ou institucional; 36% possuem uma renda de até um salário mínimo; 69,3% não recebem auxílio, bolsa ou benefício de permanência da universidade; 52% se consideram em vulnerabilidade social; 64% já precisaram levar seus filhos para a universidade por não ter com quem deixá-los; e, por unanimidade, todas as entrevistadas afirmaram não haver nenhum tipo de suporte para as pessoas que maternam suas crianças dentro da universidade.

Esses dados revelam um acordo implícito entre a instituição universitária e a maternidade como instituição patriarcal, para a exclusão das mães do ambiente acadêmico. Essa situação impõe às mulheres o desafio de equilibrar sua carreira e o exercício de maternar ao mesmo tempo, sem receber qualquer suporte físico, material ou emocional por parte da instituição acadêmica.

Esse déficit afeta não só as estudantes, mas também as funcionárias, que precisam trabalhar em dobro para ocupar esses espaços. Um exemplo é a história de Maria (nome fictício para preservar a identidade da participante da pesquisa), servidora da Universidade Federal de Sergipe e uma das entrevistadas do documentário *Maternidade e Universidade*, realizado junto à exposição do MUM em 2024. Sua trajetória, ligada à universidade desde o ensino fundamental, é marcada pela promessa de uma creche que nunca foi construída. Ao longo de sua jornada acadêmica, desde a graduação até a maternidade – ocorrida durante sua graduação em biologia – Maria enfrentou inúmeras adversidades, tendo que levar sua filha para as aulas e deixá-la dormir no chão do laboratório. Hoje, como servidora e com a filha já aluna da instituição, ela reflete sobre a permanência das dificuldades e a precariedade das políticas de apoio às mães.

Em 3 de julho de 2024, entrou em vigor a Lei nº 14.914, que estabelece a Política Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) e introduz, no artigo 22, o Programa de Permanência Parental na Educação (BRASIL, 2024, art. 22º). Esta lei representa um avanço significativo na inclusão das necessidades materno-paterno-infantil nas instituições federais de ensino superior e na rede federal de educação profissional, científica e tecnológica. O programa prevê a criação de infraestruturas físicas e de acolhimento específicas para apoiar as famílias de estudantes que sejam mães ou pais de filhos menores de seis anos, garantindo que esses alunos possam conciliar suas responsabilidades acadêmicas e familiares. Embora a criação dessa política seja um passo importante, ela ainda precisa ser efetivamente estruturada e aplicada na universidade, para transformar as condições de

permanência e apoiar a inclusão plena e digna das mulheres mães e pais no espaço acadêmico.

3. ARTE E SEU POTENCIAL DE RESISTÊNCIA E CRIAÇÃO DE REDES

Um dos principais destaques das ações do MUM em 2024 foi a exposição *Maternidade e Universidade: a conta que não fecha*, resultado da pesquisa homônima já mencionada, e viabilizada pelo apoio do Edital CUCA/PROEX para eventos artísticos na universidade. A exposição foi realizada em duas etapas na Universidade Federal de Sergipe: de 4 a 6 de dezembro no Hall da Reitoria e de 11 a 13 de dezembro na biblioteca do Campus de Itabaiana. A mostra ofereceu uma abordagem multifacetada, convidando o público a refletir sobre os desafios enfrentados pelas mulheres mães e a estrutura acadêmica que, muitas vezes, não atende às suas necessidades.

A exposição, que reuniu diferentes linguagens artísticas e documentais para construir uma narrativa coletiva e crítica sobre a maternidade na universidade, foi concebida como uma experiência imersiva, composta por elementos interligados: um livro-objeto, que pudesse ser manuseado e servisse como peça central de compilação das vozes das participantes; uma instalação sonora com vozes de crianças pequenas chamando pela mãe; um videodocumentário, que desse corpo, voz e discurso às experiências narradas por mães da UFS; uma performance ao vivo, criada em colaboração com as mães e crianças presentes; e um varal de grande formato (três segmentos com comprimento total de 19 metros), que ocupasse a praça interna da reitoria, coração e centro da instituição (Campus de São Cristóvão).

A opção por expor peças artísticas para visibilizar os dados e resultados da pesquisa transcende a tradicional textualidade científica. Nesse sentido, a arte funciona como um meio de comunicação e reflexão sobre as dinâmicas sociais, culturais e políticas de seu tempo. Jacques Rancière (2009), ao afirmar que toda arte é política, desloca a compreensão da arte de um campo meramente subjetivo ou ornamental para um espaço de discussão e transformação social. A arte, portanto, não só reflete o mundo em que está inserida, mas também intervém nele, sendo capaz de questionar, desafiar e reconstruir as estruturas vigentes.

Dentro desse contexto, a maternagem enquanto tema artístico emerge como uma manifestação que extrapola as fronteiras da experiência pessoal. Tradicionalmente, o cuidado materno é tratado como uma atividade doméstica da esfera privada. No entanto,

quando artistas escolhem abordar a maternagem em suas obras, estão, na verdade, trazendo à tona questões coletivas, profundamente políticas, em ressonância com discursos políticos e intelectuais. Ao expor desafios, sobrecargas e invisibilidades relacionadas à experiência materna, essas artistas desafiam as concepções tradicionais de gênero, trabalho e valor social, reposicionando a maternagem como um tema central no debate público.

O primeiro segmento da exposição, o Varal de Memórias e Reivindicações, exibiu impressões em tecido de obras artísticas centradas na representação da resistência à maternidade patriarcal, objetos pessoais do cotidiano materno, escritos das participantes, bordados e artefatos manuais, evocando memórias e materializando reivindicações por uma universidade mais inclusiva. Abordou a subjetividade das mães em relação ao serviço doméstico, com ênfase no ato cotidiano de lavar roupas – uma atividade particularmente intensa na fase do recém-nascido, que exige constantes idas ao varal. Nesse processo automático e, muitas vezes, solitário de lavar, estender, passar e guardar, emergiram reflexões ambivalentes sobre maternidade, tempo e sobrecarga. Assim, o varal foi concebido como um espaço simbólico onde não apenas se estenderam roupinhas infantis, mas também se materializaram, de forma subjetiva, as angústias, expectativas, dores e esperanças dessas mulheres. A instalação reuniu desde objetos de memória afetiva até cartas, poemas, dados institucionais, relatos escritos e até mesmo um e-mail de um colega de trabalho culpabilizando a maternidade, compondo um panorama sensível das múltiplas camadas que atravessam a experiência materna na universidade.

O segundo segmento da exposição, a instalação sonora, utilizou caixas de som camufladas nos corredores da Reitoria (campus São Cristóvão) e da Biblioteca (campus de Itabaiana) onde vozes infantis chamavam "Mãe" em diferentes tons, ritmos e intensidades, criando um som familiar, porém fora de seu contexto habitual. A escolha da Reitoria como local expositivo foi intencional, visando provocar uma ruptura na partilha do sensível, nos termos de Jacques Rancière, isto é, uma reorganização das formas de percepção e ação social. Tradicionalmente dominado por homens e palco de decisões políticas institucionais, esse espaço raramente levava em conta a realidade das mães acadêmicas. Ao inserir essa intervenção, a exposição trouxe simbolicamente a presença das crianças para um local onde suas demandas geralmente são ignoradas.

Os chamados repetitivos – "Mãe! Mamãe! Mãe! Mainhê!" – geraram um desconforto perceptível entre os transeuntes, que, confusos, buscavam a origem das vozes. Esse estranhamento intencional produziu o que Lisa Baraitser (2009, p. 69) define como uma interrupção desestabilizadora, remetendo à experiência constante da maternidade, na qual

as mães enfrentam rupturas frequentes em suas atividades para atender às necessidades dos filhos. Ao confrontar os servidores com essa realidade, a intervenção ressignificou o espaço da Reitoria, tradicionalmente associado ao poder e à racionalidade, transformando-o em um palco de reflexão sobre a invisibilidade e os desafios enfrentados pelas mães no ambiente acadêmico.

O terceiro segmento da exposição consistiu em uma performance intergeracional, impactante, protagonizada por mães e crianças, realizada durante a abertura do evento que funcionou como uma poética-manifesto da presença-ausência desses corpos na universidade, reforçando a potência de suas histórias e demandas. O objetivo da intervenção foi lançar luz sobre a presença constante de mães na universidade acompanhadas de seus filhos, uma realidade muitas vezes invisibilizada, e questionar a intensa pressão que recai sobre elas devido ao foco desproporcional da academia na produtividade.

Durante a performance, frases ecoavam repetidamente, evocando a sensação de uma crise de ansiedade. Mães e filhos, unidos, davam voz a um clamor coletivo, alternando entre declarações e gritos: “– PRODUTIVIDADE! – Mãe, o que vamos comer hoje? – Produtividade! Preciso fazer um relatório! Preciso publicar este artigo!” A palavra “produtividade” tornava-se o centro da narrativa, reverberando como um mantra sufocante que ilustrava a cobrança incessante enfrentada diariamente por essas mulheres. O contraste entre as necessidades fisiológicas e emocionais do cotidiano e a exigência acadêmica criava um cenário carregado de tensão e crítica, desafiando os espectadores a refletirem sobre os valores e prioridades perpetuados dentro da universidade.

O quarto segmento da exposição foi a exibição de um videodocumentário de 19 minutos, que, através de treze entrevistas, deu voz a mães da UFS – estudantes, professoras e servidoras. A partir de relatos pessoais, o documentário destacou as barreiras estruturais e os desafios de conciliar maternidade e vida acadêmica, abordando tanto questões pessoais, como a decisão pela gravidez ou a impossibilidade de amamentar o filho, quanto institucionais, como a falta de apoio e espaços (creche, sala de amamentação, espaço lúdico etc.). As narrativas, marcadas por sofrimento, resistência e exaustão, se transformaram em uma denúncia coletiva sobre as lacunas de assistência e a sobrecarga enfrentada pelas mães na universidade, provocando reflexões sobre a necessidade urgente de mudanças.

O quinto segmento da exposição foi o livro-objeto colocado sobre um tótem que compilou ao longo de 96 páginas artigos, ensaios, depoimentos, expressões poéticas e

visuais, oferecendo reflexões, críticas e um panorama íntimo das experiências das participantes. A combinação de pesquisa, relatos e expressões artísticas criou um espaço simbólico para as demandas maternas no ambiente acadêmico. Como elemento central na imersão da mostra, funcionou como ponto de convergência entre as diferentes vozes. O manuseio, íntimo e coletivo, convidava o público a interagir com as histórias e questionamentos impressos, materializando a potência coletiva da exposição e reforçando a luta por visibilidade e reconhecimento das mães na universidade.

A presença, historicamente marginalizada, dessas mulheres na cena artística e institucional, tornou-se um ato de resistência coletiva, ressignificando a relação entre maternidade, arte e academia. Por meio de performances, documentários, relatos e obras colaborativas, a exposição quebrou a produção artística e teórica tradicional, incorporando experiências maternas ao pensamento crítico. Como diz Michelle Farias Sommer, "no sistema das artes, vê-se a reivindicação por visibilidade para o trabalho reprodutivo, a inclusão das práticas artístico-teóricas das mulheres no sistema patriarcal das artes e a legitimação de outras formas de fazer arte e teoria que vêm com a vida" (2022, p.317). Essas mulheres desafiam o patriarcado que estrutura o conhecimento, ampliando os limites do que é reconhecido como arte, saber e ciência.

Nesse sentido, a exposição foi além da denúncia, tornando-se um dispositivo de transformação institucional e construção de redes coletivas. Ao reunir diversas vozes e experiências, consolidou-se como um espaço de articulação política e estética, no qual a maternidade não é vista como um obstáculo, mas como um impulso para novas formas de fazer e pensar a arte e a universidade. A força dessa iniciativa ressoa na provocação de Sommer (2022), que destaca que, embora as mulheres sustentem as bases do sistema das artes, são elas também as responsáveis por derrubar esse sistema e reinventá-lo. Assim, a exposição não apenas revelou a precariedade da estrutura acadêmica e cultural, mas apontou caminhos para a criação de novos espaços inclusivos, rompendo com a lógica excludente e hierárquica dessas instituições.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A exposição *Maternidade e Universidade: A Conta que Não Fecha* representou um marco na luta por visibilidade e reconhecimento das mães acadêmicas, transformando a arte em um instrumento de denúncia, luta e resistência. Ela se configurou também como uma reivindicação de reconhecimento e legitimidade para suas práticas e existências.

Mais do que um espaço de reivindicação, a exposição se consolidou como um ato de reconstrução, apontando caminhos para a criação de redes de apoio e para a reinvenção das estruturas acadêmicas e artísticas. O coletivo MUM, ao articular essas vozes e experiências, reafirmou que a maternidade não deve ser um fator de exclusão, mas sim um motor para repensar a universidade e as políticas institucionais. Enquanto as mães seguem lutando por condições mais justas, seus filhos, cujas vozes ecoaram pelos corredores da academia através do áudio da exposição – “Mãe! Mãe! Mainhê!” – lembram a todos que essa transformação é urgente, pois o cuidar não tem pausa. A pergunta que persiste, então, não é apenas sobre os desafios enfrentados por essas mulheres, mas sobre quanto tempo mais as instituições continuarão ignorando a necessidade de mudanças reais e a urgência de ações afirmativas.

REFERÊNCIAS

- BARAITSER, Lisa. *Maternal Encounters: The Ethics of Interruption*. 1. ed. Londres: Routledge, 2009.
- BEAUVOIR, Simone de. *Le deuxième sexe*. Tomo II, Paris: Éditions Gallimard, 1949.
- BRASIL. Lei nº 14.914, de 3 de julho de 2024. Institui a Política Nacional de Assistência Estudantil. *Diário Oficial da União*, Brasília, 3 jul. 2024.
- FEDERICI, Silvia. *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. São Paulo: Elefante, 2019.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- KNIBIEHLER, Yves. *Histoire des mères et de la maternité en Occident*. Paris: PUF, 2004.
- LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado: História da opressão das mulheres pelos homens*. São Paulo: Cultrix, 2019.
- MUM. *Maternidade e Universidade: A Conta Que Não Fecha*. [documentário]. 2024. 19 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oLKRTJdRZt8&t=8s>. Acesso em: 17 fev. 2025.
- PIMENTEL, Mariana. *O trabalho doméstico como trabalho de arte*. Teteia, ano 2, v. 2, 2019. Disponível em: <https://teteia.org/post/617937207529013248/o-trabalhodom%C3%A9stico-como-trabalho-de-arte>. Acesso em: jan. 2025.

PUIG DE LA BELLACASA, María. "Nothing Comes Without its World: Thinking with Care." *The Sociological Review*, v. 60, n. 2, p. 197-216, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução de Sérgio Lessa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

RICH, Adrienne. *Of a Woman Born: Motherhood as Experience and Institution*. New York: Virago Press, 1976.

SOMMER, Michelle Farias. *Mãelhação: mulheres-artistas-mães-acadêmicas-etc e o sistema das artes*. Dossiê Poder, mulheres e feminismos nas artes. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 28, n. 44, p. 294-319, jul.-dez. 2022. ISSN 2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.37235/ae.n44.16>. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>. Acesso em: jan. 2025.

VIVAS, Elena. *Mamá desobediente. Una mirada feminista a la maternidad*. Madri: Capitán Swing Libros, 2019.